

Conflitos entre a orientação sexual e a orientação de gênero na identidade de atletas profissionais de voleibol: a percepção de atletas homossexuais

Conflicts between the sexual orientation and gender orientation in the athletes' identity in professional volleyball players: the perception of gay athletes

CARVALHO HP, OLIVEIRA FR, SAMPAIO TMV, FERRARI EP, CARDOSO FL. Conflitos entre a orientação sexual e a orientação de gênero na identidade de atletas profissionais de voleibol: a percepção de atletas homossexuais. *R. bras. Ci. e Mov* 2017;25(2):84-98.

RESUMO: Objetivou-se neste estudo descrever, relatar e analisar a autopercepção de comportamentos de atletas homossexuais inseridos no voleibol, assim como, observar quais foram as percepções deles sobre a identidade sexual dentro do esporte, e casos de preconceito e discriminação sofridos por eles que tenham dificultado a carreira esportiva. Participaram quatro atletas homossexuais, masculinos, profissionais de voleibol do sudeste do Brasil. Esses responderam a uma entrevista semiestruturada, em que os dados passaram por análise de discurso. Eles acreditaram que o voleibol tolera atletas homossexuais, desde que mantenham sua orientação de gênero supostamente adequada e relataram alguns casos de preconceito, entre torcedores, técnicos e outros atletas homossexuais. Como limitação para este estudo, observou-se a resistência dos atletas homossexuais em discutir sobre o tema. Concluiu-se que a orientação sexual homossexual discreta é mais tolerável do que uma orientação de gênero feminina em termos de identidade atlética neste ambiente esportivo. Percebeu-se pelas falas dos atletas que uma orientação de gênero cruzada faz com que as habilidades técnicas e táticas sejam desconsideradas.

Palavras-chave: Homossexualidade; Identidade; Esporte; Estereótipos; Voleibol.

ABSTRACT: The objective of this study was to describe, report and analyze the self-perception of homosexual athletes behavior in Volleyball, as well as, to observe what were their perceptions of sexual identity within the sports, and cases of prejudice and discrimination suffered by them that have hampered sports career. The participants were four gays professionals male athletes of volleyball in southeastern Brazil. Participants responded to a semi-structured interview that the data were analyzed through speech analysis. They believe that the volleyball tolerates homosexuals' athletes, provided they retain their supposedly appropriate gender orientation and reported some cases of prejudice, between fans, coaches and other homosexual athletes. As a limitation to this study was observed the resistance of gay athletes to discuss on the topic. It was concluded that the discreet homosexual orientation is more tolerable than a feminine gender orientation in terms of athletic identity in this sport environment. It was seen through athletes' speeches that a cross gender orientation does that technicals and tacticals skills being disregarded.

Key Words: Homosexuality; Identity; Sport; Stereotypes; Volleyball.

Helton P. de Carvalho¹
Fernando R. de Oliveira²
Tânia Mara V. Sampaio³
Elisa Pinheiro Ferrari¹
Fernando Luiz Cardoso¹

¹Universidade do Estado de Santa Catarina
²Universidade Federal de Lavras
³Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Introdução

A sexualidade encontra-se como um aspecto central da vida do ser humano, envolvendo a atividade sexual, as identidades de gênero, a orientação sexual, erotismo, o prazer, a intimidade e a reprodução¹. Em que sua constituição dá-se por meio de uma série de interações entre os fatores biológico, social, psicológico, político, cultural, ético, legal, religioso, histórico e espiritual¹. Então, ela não é apenas a presença ou não do orgasmo², possibilitando assim, uma enorme gama de possibilidades entre o que se faz e como se faz em comportamentos e identidades, podendo determinado indivíduo vivê-la das mais diversas maneiras^{3,4}. Desta diversidade que se trata a sexualidade, faz-se necessário encará-la como um aspecto natural da vida humana e como parte essencial da própria ideia de humanidade, que contribui para o prosseguimento da discussão destas questões e no enfrentamento dos tabus⁴. Assim, acredita-se que a sexualidade possui características muito específicas para cada espécie, possuindo uma diversidade pouco compreendida e muito estigmatizada, dentro dos estereótipos para as orientações de gênero e sexual, em que o macho heterossexual é o respeitado e superior³.

Com a solidificação do método científico no século XIX, as ciências foram suscitadas a também investigar este fenômeno sexualidade, em que as ciências naturais abordaram a biologia, a fisiologia e o comportamento da sexualidade humana, enquanto as ciências humanas e sociais abordaram os conceitos, as percepções e a identidades sociais^{5,6,7,8}.

Cardoso⁹ organizou para a língua portuguesa uma categorização e uma discriminação do que e como as diferentes áreas da ciência estudam a sexualidade humana. O autor concluiu que as diferentes áreas de estudo focam em uma das três dimensões levantadas pelo estudo: o que se faz no sexo (comportamento), o que se deseja no sexo (orientação sexual) e como se sentem as pessoas a partir de uma prática ou desejo sexual (identidade). A utilidade desta taxonomia pouco compreendida consiste em entender as limitações metodológicas e epistemológicas de cada área que somente juntas poderiam fazer uma melhor descrição, interpretação e explicação da sexualidade humana como um todo.

Cardoso^{10,11} trouxe também para a língua portuguesa a importante contribuição de John Money¹² em seu conceito de Identidade de Gênero/Sexo (*Gender Identity/Role – G I/R*) que é utilizado como base teórica para este estudo. A identidade e o papel de gênero são vistos como dois lados da mesma moeda, sendo a identidade, aquilo que se sabe sobre si e o papel a forma como se expressa e se é reconhecido pelos outros¹². Resumindo, as Identidades de gênero são as experiências privadas do papel de gênero, e os papéis de gênero são as manifestações públicas da identidade de gênero¹².

Destas considerações, propôs-se uma base tripartídica^{10,11,12} para estudar o ser humano enquanto macho ou fêmea transculturalmente. Primeiro o sexo biológico que reflete quanto ao órgão sexual no nascimento (macho, fêmea ou intersexual). Segundo a orientação de gênero trata-se da forma como o indivíduo apresenta determinados comportamentos, papéis de gênero que ele expõe, juntamente com a identidade gênero que ele tem, em que estes não são moldados unicamente pelos contatos sociais, mas pela formação do feto e todo seu desenvolvimento para uma orientação de gênero (masculina, andrógena ou feminina). Por último, a orientação sexual que se refere aos sentimentos, emoções e desejos sexuais (homossexual, bissexual ou heterossexual)^{10,11}. Diferentes estudos^{13,14} trouxeram a aplicação do conceito proposto por Money para se estudar a identidade de atletas e bailarinos no cenário nacional.

Na história dos esportes observa-se que eles sempre estiveram ligados aos comportamentos masculinos, desde o princípio dos jogos olímpicos, esporte romano e grego^{15,16}. Cardoso *et al.*¹³ confirmaram que os esportes ainda são considerados atividades do domínio masculino ou orientação de gênero masculina, segregando a prática de muitas modalidades por sexo. Justificando a estranheza da prática esportiva por mulheres, Goellner¹⁷ ressaltou que as práticas comuns da cultura física, quando relacionadas à mulher despertam suspeitas sobre o ideal da imagem feminina e desestabilizam a ideia do domínio masculino sobre o feminino.

Os comportamentos homofóbicos (depreciação daqueles que se relacionam com pessoas do mesmo sexo) e heteronormativos (valorização dos comportamentos que expõem o macho heterossexual como melhor na sociedade) são culturais no esporte e bem documentados, chamados de masculinidade hegemônica^{18,19,20}. Estudos recentes mostram como o impacto destes fenômenos causam o silêncio e a pressão sobre aqueles atletas que não são heterossexuais¹⁸.

Desta forma, sobre homossexuais, Anderson¹⁹, encontrou que os atletas gays, em sua maioria, estavam relacionados com modalidades individuais e sem embate físico, acreditando que a masculinidade hegemônica nas modalidades coletivas não seria atrativa para homens homossexuais. Ou seja, se o esporte é um mundo do masculino, os esportes coletivos de embate são o seu maior ícone. Porém, em artigos mais recentes o autor acredita que os casos de homofobia e preconceito estão em declínio²¹.

Em específico, o voleibol seria uma das modalidades que esteve aberta ou tornou-se mais atrativa para os homossexuais que tivessem uma orientação mais coletivista²². Recorrendo as origens do voleibol, observa-se que foi criado como um modelo alternativo à masculinidade esportiva hegemônica, em que o esporte, ao valorizar o suave, o não violento, o leve²³, surgiu mais próximo de um imaginário feminino²².

Esta constante ligação do voleibol com características femininas²² apresenta, também, a constante fala da prática de homens homossexuais e grandes discussões sobre as orientações sexuais dos praticantes e a discriminação e preconceito com os atletas que realmente são homossexuais neste meio. O voleibol optou pela espetacularização, assim como tantos outros esportes, e conseguiu tornar-se grande e sustentável, não se preocupando exclusivamente com o contingente populacional de praticantes da modalidade mas, também, com os espectadores apaixonados, fanáticos, potenciais consumidores dos símbolos e signos sociais que são capazes de oferecer²³, justificando possíveis problemas com as identidades sexuais dos atletas, recusando aqueles atletas que divergem das características que defendem a masculinidade hegemônica, independentemente de suas capacidades e habilidades técnicas e táticas¹⁸.

Os atletas são levados a manterem suas identidades em silêncio pelo medo de perderem contratos publicitários e a aceitação social, e por serem considerados como atletas modelos de papéis¹⁸. Porém, quando observado o esporte não profissional, estudos sugerem que o voleibol estaria relacionado com uma identidade no esporte para homossexuais, devido aos seus comportamentos expressivos tanto com as formas verbais quanto as corporais^{24,25}. E não são encontradas pesquisas no Brasil que mostrem as realidades e percepções de atletas homossexuais no voleibol, sendo o estudo que mais se aproxima, o episódio de preconceito com um atleta homossexual durante a Superliga de voleibol, mas com objetivo de observar as reações de torcedores quanto ao ocorrido, e não sobre o próprio atleta²⁶.

Para entender como as modalidades e práticas de atividades físicas estão ligadas a determinado sexo, orientação sexual ou de gênero, algumas pesquisas^{13,14} propuseram um outro conceito importante para discutir a temática deste estudo, a orientação esportiva ou psicomotora que deveria ser estudada em paralelo. A orientação esportiva ou psicomotora poderia estar associada às três dimensões da Identidade de Gênero/Sexo, por exemplo, mulheres atletas brincaram com amigos do sexo oposto na infância¹³. Acredita-se que em média, os atletas tenham uma predisposição psicomotora que explique as práticas por determinadas pessoas para uma atividade a outra, porém, mais estudos ainda são necessários para o desenvolvimento desta hipótese teórica.

Pela falta de abertura que atletas homossexuais têm no campo esportivo e a inabilidade das equipes e treinadores sobre as questões de identidades sexuais, procurou-se, por meio deste trabalho, permitir aos atletas um momento de manifestação sobre as possíveis opressões simbólicas sofridas pela equipe, pelo clube esportivo e pelos torcedores do esporte. Desta forma, teve-se por objetivo descrever, relatar e analisar a autopercepção de comportamentos de atletas homossexuais inseridos no voleibol, assim como observar quais foram as percepções deles sobre a identidade sexual dentro do esporte, e casos de preconceito e discriminação sofridos por eles que tenham dificultado a carreira esportiva.

Aspectos éticos e metodológicos

Este estudo faz parte do projeto “Homossexualidade no voleibol de alto rendimento” e foi submetido e aprovado e seguiu todas as considerações exigidas pelo Comitê de Ética em Pesquisas em Seres Humanos da Universidade Federal de Lavras. Parecer número: 902.920 de 18 de dezembro de 2014. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, para autorização da pesquisa foi enviado por e-mail e assinado pelos participantes antes das entrevistas terem sido marcadas. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que se realizou por meio de Entrevista Semiestruturada com os participantes da pesquisa.

Participantes

Para encontrar os possíveis participantes da pesquisa, atletas profissionais de voleibol, adultos e homossexuais, procurou-se por equipes da região sudeste do Brasil, que concentravam maior parte das equipes profissionais do país, acreditando que nesta região seria possível encontrar grande diversidade de atletas. Por meio de contato pessoal com alguns atletas, utilizou-se da técnica de amostragem não probabilística intencional, e também do método *snowball*, em que um possível participante indicava outro, criando assim uma rede de potenciais participantes.

Com esta técnica conseguiu-se o total de dez atletas que se identificaram como homossexuais, porém, apenas quatro deles aceitaram participar da investigação, garantindo-lhes a condição de anonimato total. Os atletas que participaram da pesquisa, por motivos éticos, foram referenciados aqui, como “Atleta 1”, “Atleta 2”, “Atleta 3” e “Atleta 4” e tinham idades de 27, 27, 24 e 21 anos respectivamente. Possuíam diferentes religiões e crenças (Atleta 1, teísta, sem prática de religião; Atleta 2 e Atleta 4, católicos; Atleta 3, cristão evangélico) e quanto à escolaridade, A4 ensino médio, A1 e A3 graduados e A2 faculdade trancada. Os Atletas 1, 2 e 3 participaram da pesquisa, entretanto atuavam em países europeus na época da entrevista.

Instrumentos

O roteiro continha quatro tópicos que tratavam de dados do sujeito, questões sobre a homossexualidade, sobre a prática da modalidade e preconceito. O roteiro foi desenvolvido especificamente para atender as necessidades e curiosidades quanto ao tema de pesquisa. As questões norteadoras da entrevista junto aos blocos dos tópicos estão disponíveis em material suplementar para o leitor.

Coleta de dados

Inicialmente, entrou-se em contato com os possíveis participantes, que atuaram em times profissionais e, por meio deles, conseguiu-se outras indicações. Os clubes não foram incluídos no processo de seleção de atletas e das entrevistas, para que não interferissem na coleta dos dados. O primeiro contato foi para esclarecer os objetivos da pesquisa e a necessidade da participação. As entrevistas foram realizadas via programas de vídeo-comunicação on-line, tiveram o tempo entre 10 e 60 minutos, o áudio foi gravado com o consentimento dos participantes para que pudesse ser transcrito posteriormente. O horário e o local da coleta foram de acordo com as possibilidades do atleta, desde que não interferissem no processo de coleta das entrevistas. As coletas seguiram as orientações de Marconi e Lakatos²⁷ para que as entrevistas pudessem alcançar o máximo de sua produção.

Análise dos dados

Para tratar de um assunto tão polêmico como a sexualidade em seus mais diversos contextos, nesta pesquisa, sobre a realidade esportiva, utilizou-se de uma categorização antiga da antropologia que são os termos êmico (*emic*) e ético (*etic*)²⁸. Estes termos tratam sobre a realidade e percepções de quem observa e de quem é observado, sendo ético a

visão do observador que estuda o fenômeno dentro de um grupo, independentemente de o grupo estudado reconhecer a base do observador ou não²⁸, no caso o referencial teórico de John Money¹² sobre identidade de Gênero/Sexo^{10,11,12}, utilizado para refletir este trabalho. Êmico é a forma como o fenômeno é reconhecido dentro daquele grupo que é investigado²⁸, tratando-se aqui, das falas e percepções dos próprios atletas.

Realizou-se a análise do discurso, pois a linguagem não é um simples meio de se descrever o mundo, mas permite e acrescenta a importância do discurso na construção da vida social²⁹, assim, foi o método considerado para realizar as entrevistas dos atletas, com objetivo de compreender as necessidades e conceitos dos atletas homossexuais no voleibol profissional, e suas percepções êmicas quanto às identidades sexuais, aceitação, preconceito e discriminação de homossexuais na modalidade. Por permitir maior detalhamento do material analisado e, como é organizada a comunicação de determinado tema³⁰ a técnica utilizada baseou-se em pontos importantes desde as escolhas das perguntas para a entrevista até a forma que se seguiu para a interpretação dos dados²⁸.

Desta forma, para analisar as falas dos atletas, primeiramente, consideraram-se as ordens das perguntas feitas no roteiro, porém, como muitas respostas foram repetidas em outras falas, preferiu-se elencar os pontos mais importantes. Em que primeiro, tratou-se da “Identidade autopercebida” dos atletas; segundo sobre as práticas que foram comuns na infância dos atletas, “Memórias de infância”; “Preferências esportivas” foi o próximo que tratava sobre a iniciação esportiva dos atletas e com quais modalidades se identificaram mais. “A visibilidade dos homossexuais no voleibol” em que se observou como os atletas homossexuais são observados por eles próprios dentro da modalidade. “Preconceito” foi um tópico, e também subdividido em “Família”; “Preconceitos entre jogadores homossexuais”. Assim construiu-se a discussão das percepções éticas do estudo em cima das percepções êmicas dos atletas.

Resultados e discussão

A identidade autopercebida

Para dar início as questões problemas da entrevista, e com intenção de obter as percepções êmicas dos atletas sobre a homossexualidade, perguntou-se aos entrevistados o que é ser gay/homossexual.

Alguns participantes divergiram em suas percepções sobre a homossexualidade e alguns se aproximaram, por exemplo, para o Atleta 1 e o Atleta 4 suas definições foram objetivas e mais próximas e classificaram a homossexualidade como uma identidade sexual (como se percebem ou são percebidos pelos outros⁹) e do desejo pelo parceiro do mesmo sexo (orientação sexual⁹), que ser homossexual não cria uma separação entre os demais, como exposto pelo Atleta 1: “*Ser gay, para mim, é só uma identidade sexual. Não vejo isso como um diferencial, nem para melhor, nem para pior*”. O Atleta 4 complementou sua resposta pensando sobre o preconceito: “*Ser gay é gostar de alguém do mesmo sexo, ter que encarar todos os dias o preconceito, que hoje diminuiu, mas que ainda existe, e é ser alguém normal em meio a sociedade tendo os mesmos direitos e deveres*”.

O Atleta 2 expressou-se com uma dualidade de sentimentos e emoções e revelou a dificuldade em conceituar o que envolve o ser gay. Teve a preocupação em deixar claro que não estava generalizando os gays, mas que costumam ser mais afetivos e fortes em suas personalidades e que poderia identificá-los como a junção positiva da orientação de gênero⁹ masculina e feminina, como apresenta na afirmação:

[...] Essa é uma pergunta difícil! É muito ampla, assim, para especificar o que é ser gay, assim, é muita coisa. [...], eu poderia dizer que é numa escala geral, ser forte, eu digo com relação à personalidade, alegre, inteligente, [...], não padronizando, mas assim, um grande número, são pessoas muito carinhosas, prestativas, conselheiras, eu acho que ser gay é ser uma união de bons sentimentos, eu poderia definir assim, de boas coisas que a gente tem do “hetero” [...], da forma masculina e feminina. É isso, é uma união de coisas muito boas, de adjetivos bons, [...], é óbvio que toda regra tem as suas exceções, [...].

O Atleta 3 relatou uma provável preocupação em mostrar que a orientação sexual⁹, não é uma escolha e está

ligada à pessoa desde seu nascimento: “muitos imaginam ser gay uma opção de escolha, [...]. Não se escolhe gostar do mesmo sexo, nem levar uma vida que não seja a sua”. E apresentou uma pontuação sobre a bíblia:

Como a própria bíblia diz, temos um livre arbítrio, para escolher o que entra e o que não entra, em nossas vidas. [...], já nascemos com traços, nas quais, futuramente, não conseguimos fugir dos mesmos. Ser gay não denigre sua imagem, não te faz diferente, em certas ocasiões te faz pensar em um mundo mais global. Ser gay é ser humano como qualquer um, sentimentos, carinho, afeto, alegrias e tristezas, é viver a cima de tudo.

Observam-se nas falas dos atletas percepções diferentes entre eles, contudo, que se aproximam da preocupação de que não são diferentes por terem uma orientação sexual, ou identidade diferente dos demais, em que, deve-se aceitar a diversidade que se encontra em relação aos comportamentos e identidades sexuais.

Ao encontrar uma citação para a bíblia, sabe-se que a religião, seja ela qual for, é considerada fator importante para influenciar na formação do ser, de suas identidades³¹. O trabalho hermenêutico de trechos bíblicos sobre o ato de julgar os comportamentos homossexuais apresentou que as interpretações bíblicas condenatórias de atos relacionados à homossexualidade, são divergentes e inconclusivos³². Por isso, a religiosidade pode causar diferentes interpretações para os comportamentos sexuais e aceitá-los de formas diferentes³¹.

Quando perguntados sobre como os atletas se viam (G-I/R^{10,11,112}) e quanto se aceitavam, percebeu-se que todos se aceitaram muito bem e admitiram possuir traços de feminilidade (orientação de gênero⁹) e comportamentos (Esquemas de gênero³³) que permitiriam às pessoas identificá-los quanto às suas identidades homossexuais. Porém, foi possível notar a necessidade do comportar-se dentro da orientação de gênero⁹ supostamente aceitável para os homens (estereótipos de gênero³⁴), como colocado pelo Atleta 2, a importância de parecer heterossexual (G-I/R¹²) em determinados ambientes ou situações, sendo dentro do esporte como o atleta modelo de papel¹⁸. A famosa fala, “*tenha comportamento de Homem!*” (estereótipos de gênero³⁴) exemplifica este policiamento heteronormativo, reforçado por muitos outros aspectos sociais^{18,19,20}. Estas falas ficaram claras em muitos outros trechos das entrevistas. Alguns trechos das falas dos atletas estão presentes sobre como se veem.

Para o Atleta 1: “[...] sou efeminado sim, qualquer pessoa que me veja já vai saber que eu sou gay, mas eu não tenho problema nenhum com isso, me aceito muito bem”.

O Atleta 2 expõe que:

[...] eu me considero uma pessoa bem posturada. Eu sei, acho, que eu sei me comportar em diferentes situações, em diferentes lugares, dependendo do que a situação e lugar me exige eu cumpro com a necessidade disso, mas eu tenho meus trejeitos sim, [...]. Efeminado, eu acho que efeminado abrange muita coisa, mas se eu tivesse que falar que eu tenho um pouco, eu tenho sim, eu não sou aquele cara totalmente “hetero”, “Straigth action”, a gente diz aqui, não, sabe?. É perceptível em mim, em algumas ações, em alguns atos essa questão do efeminado sim, mas eu acredito ter um comportamento bacana. [...] Então eu me aceito, eu me aceito completamente assim com relação, ao fato do “homossexualismo”, eu sou totalmente tranquilo e me aceito assim em tudo, sabe?. Não tenho nenhuma paranoia, nenhum problema, nenhum drama ou medo, com relação à homossexualidade, não! Super me aceito, sou superfeliz, graças a Deus! Sendo homossexual, não tem nada que eu não..., que eu mudaria na minha opção sexual.

O Atleta 3 acredita que “[...] se sou “afeminado” ou não, pouco importa, isso não me faz menos ser humano do que um ‘machão’ que fala grosso, que tem postura formada de “homem”, pela sociedade. [...] Sim, aceito são coisas inerentes a escolha, seu comportamento é próprio.

O Atleta 4 relatou que é:

uma pessoa tranquila, tenho minhas características, do mesmo jeito que cada um tem as suas. [...] No começo foi meio complicado, afinal, eu não escolhi ser gay, da mesma maneira que ninguém escolhe ser heterossexual, simplesmente nascemos assim. Em questão a aceitação, hoje pra mim é normal e sou muito bem resolvido.

As classificações e preconceções do que caracteriza uma identidade reforçam a criação de estereótipos que são definidos como, uma denominação redutora da variedade de características dos indivíduos em termos de fenótipo,

sexo, gênero e camadas sociais, empobrecendo a definição de grupos desviantes a apenas alguns atributos (personalidade, linguagem, etc)³⁵. O estereótipo estimula uma percepção empobrecida e reducionista do outro.

Pode-se observar na fala de Atleta 2, sobre comportar-se bem ou adequadamente, fruto do exaustivo trabalho da educação nas instituições escolares que segundo Louro³⁶ obstina-se a formar homens e mulheres “de verdade”, construindo “marcas” que podem nortear os comportamentos adequados a cada sexo (estereótipos de gênero³⁴). Na pesquisa de Zuzzi e Sampaio³⁷ pode-se observar o quanto à Educação Física escolar contribui para demarcar estes espaços e corpos dentro de uma heteronormatividade e uma rigidez na construção das identidades de gênero. Louro³⁶ afirma ainda, que em nossa sociedade, a norma que se estabelece, historicamente, remete ao homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristã. Neste aspecto se encaixa a fala de Atleta 3, “Me vejo em um mundo, ainda, não inteiramente aberto a aceitar a diversidade de vida do ser humano” a insegurança quanto a um mundo que não aceita as diferenças é clara, e mostra que ainda somos completamente marcados por conceitos heteronormativos.

Memórias da infância

Quando se perguntou aos atletas sobre suas memórias das práticas, atividades e comportamentos de infância encontrou-se nas respostas dos Atleta 2 e 3, que talvez a sociedade já impusesse limites sobre determinadas brincadeiras e comportamentos³⁷ (orientação motora^{10,11}) relacionadas à identidade típica de homens e mulheres (estereótipos de gênero³⁴). Segundo os participantes em sua autoidentificação, acreditaram que tiveram uma predisposição à homossexualidade (orientação sexual⁹) manifestada em preferências não típicas dos meninos (orientação motora^{10,11}). Atleta 3 afirmou “na infância tinha comportamento que ‘pré-determinavam’ a homossexualidade no futuro, como acho que isso acontece com todos os gays”, acreditando que características atípicas na infância são presentes em todos os gays (orientação de gênero⁹).

Os Atleta 1 e 4 não recordaram nenhum fato importante de suas infâncias, que os caracterizassem como uma criança atípica em termos de comportamento. Porém, vale ressaltar que não são todos os homossexuais que têm uma infância cruzada em termos de comportamentos e preferências, acredita-se que uma minoria de homossexuais tem experiências típicas dos meninos heterossexuais apesar de assumirem uma orientação homossexual ao longo de suas vidas³⁸. Observando assim, que as orientações sexuais e orientações de gênero não são obrigatórias de mesma forma entre elas, podendo um homem e mulher homossexual variar em sua orientação de gênero (G I/R^{9,10,11,12})

Segundo Cardoso^{10,11} a orientação motora como parte da identidade infantil, pode em parte ajudar a identificar e prever a homossexualidade na maturidade. O mesmo autor publicou que estas características podem ser observadas nas mais diferentes culturas tornando-se uma das universalidades no desenvolvimento da identidade homossexual³⁹. Pesquisas sugerem que “o comportamento ‘cross-gender’ (atuar como o sexo oposto) e a identidade infantil cruzada sejam um padrão psicosssexual universal, independente do meio cultural” para a maioria dos homossexuais²⁴.

Considerando a grande polêmica sobre a etiologia da orientação homossexual, Cardoso^{10,11} apresenta uma teoria interacionista para explicar a sua gênese em termos de psique. A etiologia da orientação sexual, homossexualidade, bissexualidade ou heterossexualidade, desenvolve-se em fases e são multifatoriais, isto é, pode-se dizer que os anos formativos mais importantes para a orientação sexual estão até a fase da infância, e não como muitos pensam na puberdade e adolescência^{3,11,12}. Resumindo os hormônios atuariam na puberdade apenas o que já se formou anteriormente.

Por isso, a importância de se permitir uma maior liberdade aos comportamentos de infância, sem prescrever ou recriminar as manifestações do lúdico sob a forma de brincadeiras, em relação ao sexo das crianças, para que elas possam crescer sem possíveis limitações e frustrações por não poderem ter experimentado ou vivido as brincadeiras desejadas, designadas popularmente como masculinas e/ou femininas e contrárias ao seu sexo biológico, mas que

poderiam estar de acordo com sua orientação de gênero^{10,11}.

Preferências esportivas

Chegando ao tópico que abordou a orientação esportiva para a modalidade, perguntamos como eles iniciaram as suas práticas no voleibol?

Os Atleta 1 e 2 tiveram forte influência dos professores de Educação Física escolares, para iniciarem suas práticas. Professores que devem estar preparados para identificarem possíveis talentos esportivos, por trabalharem com as atividades corporais e que estão mais acessíveis a perceber a identificação dos alunos com alguma prática específica (orientação motora^{10,11}), e preparados também, para os diferentes tipos de identidades sociais, no contexto da sexualidade, a necessidade de permitir que meninos e meninas experimentem as mesmas atividades⁴⁰. O estudo de Cardoso, Felipe e Hedegaard⁴¹ apresenta problemas na forma como os professores de Educação Física fazem estas classificações dos alunos, confundindo as habilidades motoras com as questões de divergência em gênero. Como Atleta 2 disse, já era socialmente perceptível, em sua infância, traços de sua identidade homossexual em termos de sua orientação de gênero mais feminina.

Cunha Júnior e Melo⁴² ilustraram em seus trabalhos com homossexuais que os professores de Educação Física contribuíram, muitas vezes, com o preconceito e discriminação, reforçando estereótipos em seus discursos, ou mesmo impedindo a prática esportiva de algumas modalidades para homossexuais.

Altmann, Ayoub e Amaral⁴⁰ observaram nos discursos de professores de Educação Física muitas controvérsias entre o planejamento de aulas para os dois sexos juntos ou separados. A dificuldade em planejar e adequar as aulas para os alunos dos diferentes sexos, e a dificuldade de aceitação por parte dos alunos foram relatados. Assim como, os problemas de incongruência dos estereótipos femininos e masculinos em alguns indivíduos em classe⁴¹, em que não são todos os meninos gostam de jogos coletivos de embate físico, enquanto que algumas meninas adoram.

Os Atleta 2 e 3 também tiveram influências familiares para a prática. Atleta 2 teve um contato mais amplo com o voleibol, citando ainda o poder da mídia sobre sua vontade de jogar. O Atleta 4 teve influências de amigos, tanto fora, quanto dentro da escola. Oliveira⁴³ relatou em seu trabalho, com atletas profissionais de times do interior de São Paulo, que a resposta mais comum para o início da prática foi: “influências do meio social em que viviam ou costumavam frequentar”.

É perceptível que todos estes atletas tiveram a paixão pela modalidade desde o primeiro contato (orientação motora^{10,11}), e a necessidade de continuar no voleibol. Por Exemplo, o Atleta 1: “*o meu professor de educação física me apresentou o esporte e eu me apaixonei imediatamente!*”, “mas eu comecei a jogar voleibol por que eu fui apresentado ao esporte e eu passei a amar isso”, “eu descobri o vôlei, fui apaixonado e quis ficar para sempre!”.

O Atleta 2:

“Sempre gostei na verdade [...] e acabei passando e a partir daí eu vivi treinando”, “eu gostava de treinar, eu gostava de conviver em grupo, de ver muita gente, então isso que me fazia me motivar. [...] me sentia mais livre também, porque era sempre no meio de amigos” “e eu às vezes me emociono, porque eu lembro que todos os dias eu ia com o maior prazer era a coisa que eu mais gostava de fazer”.

O Atleta 3: “Quando entrei na quadra a primeira vez já sabia que era esse esporte fantástico que ia me tirar o melhor sorriso, a mais rara emoção, a alegria em tocar numa bola de vôlei é inevitável”. Atleta 4: “Amo o que eu faço”.

Questionados sobre a associação da modalidade com as suas próprias identidades, os mais variados comentários foram feitos. Por exemplo, para o Atleta 1: “[...] não acredito que a minha homossexualidade tenha relação com o voleibol, eu só acho que o voleibol é um esporte em que os gays se identificam, eu não sei se é por parecer como uma dança, se é por que..., mas, naquela época eu nunca relacionei uma coisa com a outra, foi completamente natural [...]”. Para o Atleta 2: “[...] eu acredito, hoje, com a cabeça que eu tenho e tudo que eu vivi, que um pouco, sim. [...]”

mas, quando eu comecei, não. Como eu era muito novo, eu não tinha noção, [...] mas, eu acredito que hoje se eu pudesse falar tem, tem relação com o esporte sim, [...]”. Para o Atleta 3: “[..]. minha modalidade não influencia em nada na minha homossexualidade, já existe um preconceito para homens que jogam voleibol, [...] trouxe mais traços femininos, mas não foi um fator relevante para que tornasse mais gay ou menos gay”.

Para o Atleta 4:

“Então como comecei bastante novo ainda, não sabia que uma grande porcentagem do vôlei eram gays, quando entrei tinham uns meninos no time que eram, aí comecei a entender mais sobre o assunto, ver que ali é um lugar onde os gays são mais aceitos e senti que aquilo é o que eu realmente queria pra mim”.

Mas, para nenhum deles, a modalidade foi um critério para que influenciasse na orientação sexual, mas enfatizaram que o vôlei tem uma identificação com atletas gays, e que também mais tarde algumas características de orientação de gênero feminina, foram acrescentadas ou estimuladas nos seus comportamentos, pela prática esportiva.

O sentir-se livre, ser aceito no voleibol, foram pontos importantes citados pelos entrevistados para as suas autoestimas. É possível perceber que no voleibol estes atletas possuíram maior abertura para relações sociais, por meio de novos contatos com amigos, como citado por eles. O Atleta 3 citou que acredita “que todo gay é bem sociável”, por isso esta facilidade em fazer amizades. O Atleta 2 relatou quanto ao voleibol “eu me sentia mais livre dentro da quadra, [...] posso me soltar mais, [...] meu habitat natural [...]”, diferente de como se sentia em casa, uma criança presa.

Estas condições talvez sejam encontradas em função do contato e amizades feitas dentro do voleibol, com outros atletas homossexuais que permitiram a recriação de espaços de sobrevivência e resistência destes atletas neste ambiente esportivo. Schneider³⁹, voltando à discussão sobre a amizade como modo de vida, percebe que Foucault discute a importância da amizade no estreitamento de alianças entre os homossexuais e o fato de elas beneficiarem os indivíduos na recriação de um modo de vida, recriando assim hábitos que se voltam ao contexto dos homossexuais, que embarcam as suas necessidades e que produzem novos espaços para a convivência homossexual – os guetos.

A visibilidade dos homossexuais no voleibol

Partindo-se das considerações do voleibol como mais próximo das práticas femininas²² e um ambiente de atletas homens que supostamente são homossexuais²³, quando perguntado aos atletas como eles veem a realidade sobre a existência de homossexuais no voleibol, todos os atletas acreditam que a modalidade apresenta uma grande quantidade de atletas homossexuais. Segundo Cardoso^{10,23,33} esta preferência pelo voleibol por parte dos homens homossexuais poderia ser explicada por uma orientação motora ou esportiva típica dos homossexuais já comprovada em seus estudos, em que os homens com tendências mais coletivistas em termos de práticas esportivas escolheriam o voleibol por ser um esporte coletivo, porém, sem embate ou contato físico.

Segundo os Atletas participantes, os gays são expressivos e o vôlei permite esta atitude, tornando-se assim, um ambiente acolhedor e atrativo aos homossexuais. Para aqueles que possuem contato com atletas desta modalidade, este fato é claro, segundo o Atleta 2. O Atleta 4, após seu primeiro ano em competições de alto nível, concorda por presenciar tal concentração de atletas homens com orientação homossexual. O mesmo atleta cita a característica de ser um esporte sem contato direto entre os atletas, como um dos fatores de escolherem a modalidade. O Atleta 4 corrobora com o argumento de Cardoso^{10,23,33} sobre a atratividade do voleibol para os homossexuais em seus estudos.

Quando se buscou saber sobre a insegurança em procurar outras modalidades esportivas durante a infância, eles afirmam que nenhum deles pensou em procurar outro esporte, a paixão que sentem pela prática da modalidade vem desde muito novos, relacionando aos sentimentos de bem-estar, segurança e emoções únicas (orientação motora^{10,11}). O Atleta 4 cita que talvez sentisse sim, insegurança em procurar outra modalidade.

Os atletas acreditam que se sentiam em casa no ambiente da modalidade, enfatizando que o voleibol é o seu

ambiente de conforto. Lembrando aqui características emocionais e sentimentais colocadas por eles como identificador/conceituador de uma identidade gay. Esta característica de expor os sentimentos foi bem observada durante todas as entrevistas. Poderia questionar se esta mesma pergunta fosse feita aos atletas heterossexuais de futebol de papel de gênero masculino, se conseguiria uma riqueza de detalhes sobre o nível de identificação e satisfação observado acima.

Preconceito

Preconceito foi o próximo tópico e os atletas foram perguntados sobre casos que sofreram dentro e fora da modalidade pelas suas orientações sexuais ou de gênero. Todos os atletas alegaram ter sofrido preconceito e/ou discriminação de alguma forma, assim seguem as afirmações dos atletas.

Para o Atleta 1: “É claro, eu já sofri muitos casos de preconceito, de discriminação por ser homossexual, e na modalidade também, eu já joguei em times em que os técnicos não aceitavam, e isso foi muito ruim, mas eu não repeti”.

Atleta 2:

Eu nunca senti nenhuma forma de preconceito não, não na verdade já, já sofri, já sofri, lembrei agora. Quando eu era infante, meu segundo ano de infante, eu jogava em “A”, [...], eu fui convocado para a seleção “estadual” e o “B”, a partir daí [...] cogitou me contratar, a gente acertou tudo, conversamos, eu conversei com o técnico, acertaram minha contratação e eu estava só esperando para começar a treinar no clube e mudar de clube, ir para o “B”. É o melhor clube do estado o clube mais famoso, tem time de Superliga e tudo mais. E daí uma semana depois não tive mais resposta de ninguém, ninguém me mandava nada, nem o técnico, nem os dirigentes, ninguém. Aí passou, eu procurei eles ninguém me respondia, passou um tempo, um mês, dois meses, e eu fiquei sabendo um tempo depois que eles não haviam me contratado por eu ser gay, pelo fato de eu ser homossexual, eles não me contrataram, isso foi um. O outro que eu lembrei agora, faz uns 3 anos, eu fechei um contrato com um clube em “País A”, eu estava jogando “país B” e logo o técnico estava de férias [...], foi assistir aos jogos e aí eu fechei o contrato com ele tudo, assinado e tudo mais, a gente conversou, o meu procurador assinou o contrato com ele, tudo certinho, e mesma história. Eu estava arrumando as coisas para poder viajar para “País A” e acabou que não rolou. Daí muito tempo depois, encontrei um amigo meu um ano, um ano e meio depois encontrei um amigo meu que jogou em “País A” e me disse assim que alguém falou para o técnico do time que eu era o maior “veadão”, que aí o técnico resolveu não me contratar. Se eu já sofri, eu sofri esse tipo de preconceito, o resto nunca foi nada assim que eu possa pontuar, sabe? O resto foi brincadeira, bullying na escola, dos guris do meu colégio, ficavam me chamando de “veado”, é isso, mas na modalidade eu já sofri isso. Em jogo, eu jogando o “Campeonato 1”, [...], em 2002, eu estava indo sacar e daí tinha uma rede que cercava toda a quadra, daí tinha uns guris pequenininhos assim que eles falavam “boiola”, “veado” falaram um monte de coisa para mim. Os mais gritantes são esses assim o resto nunca teve nada.

Atleta 3:

Sim já sofri, como tenho certeza que todo homossexual sofreu, tem muitas pessoas que não entendem o fato da diferença, acham que o diferente tem a necessidade de ser maltratado, receber insultos e outras questões piores. Quando o que todo ser humano precisa ter é respeito ao próximo, uma coisa e não concordar e outra bem diferente é o respeito. Na modalidade também já aconteceu preconceito, já deixei de fechar contratos por ser gay, já fui excluído de seletivas de seleções também por ser gay.

Atleta 4:

Quem nunca, né?! Claro que sim, por várias vezes pessoas com xingamentos e palavras ofensivas, brincadeiras irônicas, etc. Mas eu nunca me abalei por isso, ninguém é obrigado a gostar de um gay, mas acho que o respeito não tem sexo e todos deveriam ter uns pelos outros, e outra, se eu for ter medo disso acontecer eu nunca mais vou poder sair de casa. [...] Olha comigo ainda não aconteceu nenhum problema em relação a isso, em todos os times que passei sempre fui muito bem tratado e respeitado pelos companheiros e técnicos. Passa pela minha cabeça eu não ter passado em alguns testes por isso, mais pode ser apenas coisa da minha cabeça, enfim, em querer achar uma resposta mais clara por não ter passado.

Quanto ao preconceito percebe-se que os atletas acreditam terem sido barrados de seleções e não terem assinado contratos por suas orientações sexuais e de gênero, estes tipos de situações estão relacionados com a necessidade dos atletas modelos de papéis¹⁸, que precisam ser exemplos, e não criarem divergência entre as normas da sociedade. Desta forma, os critérios táticos e técnicos, possivelmente, não são considerados como primeiro fator de seleção de atletas quando eles apresentam identidades e papéis divergentes dos padrões heteronormativos.

Sobre como os atletas sentem-se com relação às suas equipes atuais, eles relataram estar completamente à vontade, e segundo eles, nunca sofreram algum tipo de preconceito ou mesmo brincadeira, por suas orientações sexuais. Porém, é possível observar na fala do Atleta 2, que ele se comporta de forma diferente, de como se comportaria no Brasil, isso poderia ser identificado como uma insegurança quanto ao comportamento da atual equipe. Interessante lembrar que três destes atletas atuaram no Brasil, porém, atuaram em outros países europeus, na temporada (2014/2015).

Quando questionados sobre a aceitação de atletas com orientação homossexual no voleibol de alto rendimento, os atletas apresentaram que as equipes não precisam criar nenhum tipo de pressão sobre os atletas, eles próprios já vêm com esses cuidados impostos pela própria realidade esportiva e a sociedade. Por exemplo, as afirmações, “estou carregando o nome de um time, temos patrocinadores”, “Não se revelam por conta do preconceito, [...] são obrigados a se calarem” são fortes marcadores de que o voleibol masculino não aceita características de uma orientação de gênero feminina indicando atletas homens como homossexuais. As atitudes ou comportamentos homossexuais voltados para uma orientação de gênero feminino são percebidos como uma forma de depreciar os esportes na fala de Atleta 2.

Percebe-se pelas entrevistas que o nível técnico e tático do atleta gay pode ser desprezado, quando o mesmo não se comporta adequadamente em termos de orientação de gênero exigida pelo clube, sendo este discriminado também pela equipe¹⁸. Os clubes não possuem habilidade para acomodar tal diversidade em termos de identidade só restando aos jogadores gays reprimirem a sua orientação de gênero para manterem as suas posições no esporte de alto nível¹⁸. Mesmo atletas assumidos quando chegam a equipes novas evitam falar sobre o assunto o que diminui a possibilidade de melhorar a aceitação social da identidade homossexual no esporte^{18,45}.

O Atleta 4 afirmou que está se tornando comum na atualidade atletas se assumirem e que isto tem ajudado a dar maior visibilidade aos atletas homossexuais, como foi o caso no Brasil do jogador Michael (atual Brasil Kirin). Anjos²⁶ estudou o episódio Michael, o maior caso de preconceito no voleibol, na Superliga de vôlei (2010/2011) quando ele atuou pela extinta equipe Vôlei Futuro, motivo que o levou a assumir sua orientação homossexual após o ocorrido. A autora estudou forma como os torcedores se manifestaram sobre o ocorrido em redes sociais e as formas preconceituosas ficaram claras, relatando que o esporte não é lugar de que não aguenta pressões e xingamentos das torcidas²⁶.

Família

Perguntados sobre casos de preconceito ou discriminação familiar, os atletas alegaram nunca terem sofrido problemas familiares e terem sido muito bem aceitos. A conversa e o diálogo entre as pessoas sempre foram a melhor forma de resolver suas diferenças, argumenta o Atleta 3. O Atleta 2 disse que nunca chegou a levar um namorado em casa, não via necessidade disso. Aqui se percebe que a aceitação familiar tem limites em alguns casos.

O Atleta 4 ressaltou que dentro da família pode ser mais complicado do que dentro do vôlei. O Atleta 3 em outra parte da entrevista ressaltou que os pais e familiares já fazem planos para os filhos e, quando estes começam a desviar do que foi idealizado, pode haver conflitos.

Para os entrevistados existe o preconceito pelo senso-comum de que o vôlei é um esporte mais próximo das características femininas²² e que familiares e amigos podem manifestar desconforto com relação a este estereótipo sobre voleibol afastando possíveis atletas heterossexuais. Desta forma, Anderson²⁰ e Anderson e Kian⁴⁶ descreveram este fenômeno como “*Homohysteria*” descrito como medo de ser apontado como homossexual publicamente por violar as fronteiras de gênero. O Atleta 1, conheceu amigos heterossexuais, que pararam de jogar vôlei em razão do preconceito sofrido por outros amigos, encaixando-se no conceito de “*Homohystreia*”. Segundo Coelho²², apesar de ser um esporte, vôlei expressa um imaginário feminino ou um ambiente esportivo pouco agressivo, que pode tornar-se uma atividade

não tão adequada à formação de machos. Este imaginário talvez explique os questionamentos e preocupações de amigos e familiares quando um garoto decide jogar voleibol e não outras modalidades coletivas mais masculinas.

Na próxima pergunta abordaram-se os possíveis medos e insegurança, durante a infância, em virtude das suas orientações sexuais, bem como, possíveis formas de suporte dos familiares, amigos e o próprio vôlei. Apenas o Atleta 3 realizou algum tipo de tratamento, que não foi específico para a orientação sexual, mas, segundo ele ajudou, os demais afirmaram que nunca precisaram utilizar-se deste recurso, porém, todos acreditaram que a família os ajudou a aceitar, como também, amigos e o vôlei. Os atletas afirmaram que a aceitação em seus locais de convívio é de extrema importância para sua felicidade.

O Atleta 2 ainda explorou uma situação em que pessoas, com orientação homossexual que se assumem ou começam a se descobrir mais tarde e que convivem tardiamente com homossexuais, podem ter problemas de aceitação, e podem permanecer fechadas entre elas por mais tempo, podendo ser mais difícil para este tipo de pessoas. O Atleta 4 fala sobre o medo de ir para cidades maiores e sofrer preconceito e agressões.

Preconceitos entre os jogadores homossexuais

A última pergunta direcionada aos atletas foi sobre preconceito entre Homossexuais no esporte, se eles acreditaram que os homossexuais têm preconceito contra outros homossexuais ou heterossexuais. Segundo os atletas, com exceção do Atleta 4, é certo que existe o preconceito entre atletas homossexuais, segundo o Atleta 1, todos têm preconceitos, às vezes falam não ter pelo tanto que sofrem, mas ele existe. O Atleta 3 fala sobre uma possível rivalidade e por serem muito competitivos.

De acordo com o Atleta 2, o preconceito existe pelos diferentes tipos de gays, aqueles mais efeminados com aqueles mais discretos, relatou também que existe o preconceito entre héteros para homossexuais, mas que o inverso não é comum. Citou o caso dentro do esporte do atleta de futebol, Richarlyson que segundo o entrevistado deve sofrer mais preconceitos do que no voleibol.

Os atletas tiveram liberdade ao final da entrevista de expor qualquer situação, ou consideração que achassem válidas para o tema, porém, apenas um atleta deixou uma mensagem em que apresentou a forma como hoje é natural discutir sobre o tema, bem como a paixão que ele sente pelo voleibol, sentimentos exibidos por todos durante toda a entrevista, mas chama-se a atenção para indagação dele ao final, Atleta 4: “[...] Espero que daqui uns 20, 30 ou 40 anos a pergunta seja: ‘Como e quando a homossexualidade deixou de ser um problema na sociedade?’”.

Considerações finais sobre a orientação de gênero e a orientação sexual

Para este trabalho encontrou-se como limitação o número reduzido de atletas que aceitaram participar da pesquisa, sendo justificado pela dificuldade em discutir sobre sexualidade em qualquer ambiente.

Por meio deste trabalho ilustraram-se as percepções êmicas de atletas homossexuais profissionais de voleibol sobre o preconceito, estereótipos, discriminação, tolerância e aceitação neste ambiente esportivo. Apesar da limitação na quantidade de atletas que se dispuseram a colaborar com o estudo, observou-se que atletas homossexuais recusaram-se a discutir ou se expor quanto às questões que envolvam a sexualidade. Segundo os discursos dos atletas participantes da pesquisa, concluiu-se que o voleibol é uma modalidade com um número expressivo de homossexuais, mas, por que se calar? Tal incidência ou preferência de atletas homossexuais coletivistas poderia ser explicada pela inexistência de embate físico e a liberdade de expressão corporal em uma modalidade coletiva.

Inicialmente os participantes não relacionaram a sua iniciação esportiva ao voleibol à sua identidade sexual, mas, estes concordaram que a prática esportiva do voleibol foi importante para a aceitação da sua própria orientação homossexual. Justificaram a causa da grande procura de homossexuais pelo esporte, pelos movimentos expressivos

corporais dos membros superiores que suscita uma grande liberdade de expressão para eles. Os atletas também acreditaram que existe preconceito entre homossexuais em termos de comportamentos adequados neste ambiente esportivo, talvez estimulado pela própria rivalidade dentro da equipe.

Não foram declaradas pressões originadas pelos clubes e equipes diretamente sobre as suas identidades, mas, pode-se concluir que as falas sobre posturas como “*estamos carregando o nome de um time*”, “*existem patrocinadores*”, mostraram que atletas com características mais femininas não são aceitos, e isto é reforçado pelos próprios atletas homossexuais. Os atletas afirmaram que o voleibol profissional aceita atletas homossexuais, mas deixaram clara a necessidade de manterem suas orientações de gênero adequadas pelo menos em quadra.

Estas cobranças sociais são claras em meio esportivo que se caracteriza como um ambiente de masculinidade e virilidade principalmente para os atletas homens, não sendo bem recebidos os atletas que quebrem estes estereótipos tão fortemente estabelecidos. Ênfase no esporte profissional que se apresenta como mercadoria e precisa vender sua marca evitando conflitos ideológicos em termos políticos, religiosos, etc. Como uma instituição social de uma sociedade estruturada em padrões heteronormativos e de masculinidades hegemônicas impostas, no voleibol não poderia esperar outra postura, em que a vida sexual desviante em privado é mais tolerada do que a orientação de gênero pública cruzada.

Desta forma observa-se que as orientações de gênero cruzadas para os atletas de voleibol fazem com que as habilidades técnicas e táticas sejam deixadas de lado, colocando estes atletas à margem do esporte profissional. E que estes atletas que aceitam suas orientações sexuais têm que ficar em constante controle sobre suas orientações de gênero, para que suas próprias identidades e papéis não tumultuem suas carreiras esportivas.

Com estas considerações deixa-se aberto para mais estudos que se interessem em investigar como são encontradas as possíveis orientações psicomotoras ou esportivas, e por que algumas modalidades sempre apresentam mais diversidades de atletas em relação às outras em critérios de sexualidade humana.

Referências

1. World Health Organization – WHO. Defining sexual health: Report of a technical consultation on sexual health. Geneva; 2006.
2. Ravagni E. O que é a sexualidade humana? [Tese de Doutorado]. Brasília: Universidade de Brasília; 2007.
3. Roughgarden J. Evolução do gênero e da sexualidade. Londrina, PR: Editora Planta; 2005.
4. Santos AEA, Leão FM, Araújo LS, Ferreira LTH. Sexual e Reprodutiva: direitos e desafios em um mundo multicultural. In: Ferreira TB, Ribeiro MCB, Rodrigues PC, Endler T. Promover direitos, valorizar culturas. 10. ed. Brasília, DF: Universidade de Brasília/SINUS; 2011. p. 490-517.
5. Louro G. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Rio de Janeiro, RJ: Vozes; 1997.
6. Cardoso FL, Werner D. Homosexuality. In: Ember CR, Ember M, editors. Encyclopedia of Sex and Gender. New Haven, CT- EUA: Human Relations Area Files; 2004. p. 204-215.
7. Sampaio TMV. A justiça social em perspectiva de gênero e raça. In: Oliveira JLM, Siveres L, organizadores. Ensaio sobre justiça social: refazendo o caminho da vida e da paz. Brasília, DF: Universa; 2009. p. 125-146.
8. Pereira EGB, Pontes VS, Ribeiro CHDeV, Sampaio TMV. Os estudos de gênero e masculinidade e seus reflexos para a Educação Física. R. bras. ci. e mov. 2015; 23(1): 146-156.
9. Cardoso FL. O que é orientação sexual? 2. ed. São Paulo, SP: Brasiliense; 1996. 2 v.
10. Cardoso FL. Etiologia da orientação sexual e suas implicações para a ciência do movimento humano/ etiologia da orientação sexual. Motriviv. 2008; XX(30): 197-216.
11. Cardoso FL. O Conceito de orientação sexual na encruzilhada entre sexo, gênero e Motricidade. Rev. interam. Psicol. 2008; 42(2): 69-79.
12. Money J. Gay, Straight and in between: The sexology of erotic orientation. New York: Oxford University Press; 1988.

13. Cardoso FL, Martins CP, Fávero KG, Silveira RA, Souza CA. O impacto da identidade de gênero na auto-avaliação corporal e motora de atletas de ambos os sexos. *R. bras. ci. e mov.* 2009; 17(4): 64-71.
14. Cardoso FL, Silveira R, Sacomori C, Sperandio FF, Beltrame TS. Corporeidade e sexualidade em dançarinos de rua: axé e hip hop. *Rev. bras. Educ. Fís. Esporte.* 2011; 25: 12-18.
15. Koivula N. Perceived characteristics of sports categorized as gender-neutral, feminine and masculine. *J Sport Behav.* 2001; 24(4): 377-393.
16. Lessa F. Esporte na Grécia antiga: um balanço conceitual e historiográfico. *Recordes: Revista de História de Esporte.* 2008; 1(2): 1-18.
17. Goellner SV. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. *Pensar a Prática.* 2005; 8(1): 85-100.
18. Cavalier E. Men at sport: gay men's experiences in the sport workplace. *J Homosex.* 2011; 58(5): 626-646. Available from: <http://dx.doi.org/10.1080/00918369.2015.1116345>.
19. Anderson E. Openly gay athletes: Contesting hegemonic masculinity in a homophobic environment. *Gend Soc.* 2002; 16(6): 860-877.
20. Sartore ML, Cunningham GB. Gender, sexual prejudice and sport participation: Implications for sexual minorities. *Sex Roles.* 2009; 60(1): 100-113.
21. Anderson E. Updating the outcome: gay athletes, straight teams, and coming out in educationally based sport teams. *Gend Soc.* 2011; 25(2): 250-268.
22. Coelho JAG. Voleibol: Um espaço Híbrido de sociabilidade esportiva. In: Toledo LH, Costa CE, organizadores. *Visão de jogo: antropologia das práticas esportivas.* São Paulo: Editora Terceiro Nome; 2009. p. 73-93. (Coleção Antropologia hoje).
23. Marchi Junior W. "Sacando" o voleibol. São Paulo, SP: Hucitec; Ijuí, RS: Unijuí, 2004. (Paidéia, 11).
24. Cardoso FL. Recalled sex-typed behavior in childhood and sports' preferences in adulthood of heterosexual, bisexual, and homosexual men from Brazil, Turkey, and Thailand. *Arch Sex Behav.* 2009; 38(5): 726-736.
25. Perez J. Word play, ritual insult, and volleyball in Peru. *J Homosex.* 2011; 58(6-7): 834-847.
26. Anjos LA. "Vôlei masculino é pra homem": representações do homossexual e do torcedor a partir de um episódio de homofobia. *Movimento.* 2015; 21(1): 11-24.
27. Marconi MA, Lakatos EM. *Fundamentos de metodologia científica.* 5. ed. São Paulo, SP: Atlas; 2003.
28. Werner D. *Sexo, símbolo e sexualidade: Ensaio de psicologia evolucionista.* Florianópolis, SC: Universidade Federal de Santa Catarina; 1999. (Coleção Ilha).
29. Gill R. Análise de discurso. In: Bauer MW, Gaskell G, organizadores. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.* 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; 2012. p. 244-270.
30. Flick U. *Introdução à pesquisa qualitativa.* Tradução Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
31. Sampaio TMV. *Corpo Ativo e Religião.* In: Moreira WW, organizador. *Século XXI: a Era do Corpo Ativo.* Campinas: Papirus; 2006. p. 63-89.
32. Pereira ASLS. *Representações sociais do homossexualismo e Preconceito contra homossexuais.* [Dissertação de Mestrado]. Goiânia: Universidade Católica de Goiás. 2004.
33. Giavoni A, Tamayo Á. Inventário dos Esquemas de Gênero do Autoconceito (IEGA). *Psic.: Teor. e Pesq.* [online]. 2000; 16(2): 175-184. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v16n2/4380.pdf> [2013 out 01].
34. Brannon L. *Gender: Psychological Perspectives.* Needham Heights, MA: Allyn & Bacon; 1999.
35. Freire Filho J. Mídia, estereótipo e representação das minorias. *ECO-PÓS.* 2004; 7(2): 45-71.
36. Louro GL, organizadora. *O Corpo Educado: Pedagogias da sexualidade.* 3. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora; 2010.
37. Zuzzi RP, Sampaio TMV. Gênero: corporeidade e cultura: a realidade da Educação Física escolar. In: Gaio R, Gois AA, Batista JCF, organizadores. *A ginástica em questão: corpo e movimento.* 2. ed. São Paulo, SP: Phorte; 2010. p. 239-263.
38. Whitam FL, Mathy RM. *Male homosexuality in four societies: Brazil, Guatemala, the Philippines, and the United States.* New York: Praeger; 1986.
39. Cardoso FL. Cultural universals and differences in male homosexuality: The case of a brazilian fishing village. *Arch R. bras. Ci. e Mov* 2017;25(2):84-98.

Sex Behav. 2005; 34(1): 103-109.

40. Altmann H, Ayoub E, Amaral SCF. Gênero na prática docente em Educação Física: "Meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos ao jogar"?. Rev. Estud. Fem; 19(2): 491-501.

41. Cardoso FL, Felipe ML, Hedegaard C. Gender divergence in physical education classes. Psic.: Teor. e Pesq. 2005; 21(3): 349-357.

42. Júnior CFFC, Melo VA. Homossexualidade, educação física e esporte: Primeiras aproximações. Movimento. 1996; 3(5): 18-24.

43. Oliveira LES. Voleibol no interior: um estudo de caso sobre o *ethos* dos jogadores. In: Toledo LH, Costa CE, organizadores. Visão de jogo: antropologia das práticas esportivas. São Paulo: Editora Terceiro Nome; 2009. p. 115-140. (Coleção Antropologia hoje).

44. Schneider SJ. Da emergência da personagem social do homossexual à cultura gay: uma leitura a partir de Michel Foucault. [Dissertação de Mestrado]. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 2012.

45. Romanelli A. Homofobia no esporte ainda ganha de goleada. O Estado de S. Paulo [online]. São Paulo, 2013 set 22; (Esportes). Disponível em <http://esportes.estadao.com.br/noticias/geral,homofobia-no-esporte-ainda-ganha-de-goleada,1077307> [2014 set 19].

46. Anderson E, Kian EM. Examining media contestation of masculinity and head trauma in the National Football League. Men Masc. 2012; 15(2): 152-173.